

O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado e as representações sobre a Guerra do Contestado

The Historical and Anthropological Museum of the Region of the Contestado and the representations on the Contestado War

El Museo Histórico y Antropológico de la Región del Contestado y las representaciones sobre la Guerra del Contestado

Letíssia Crestani¹

Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes²

¹ Licenciada em História, museóloga do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador (SC), e mestranda do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Professora Doutora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e do curso de História da Univille.

Resumo: Os museus são locais de guarda de memórias e de referências, onde as pessoas encontram as produções humanas e a materialidade, exposta por meio dos objetos, e são também pontos de conhecimento e reconhecimento das pessoas, onde as tradições, as culturas humanas e a imaterialidade se fazem presentes. O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado é uma instituição sem fins lucrativos cujo objetivo é salvaguardar a história do Contestado e toda a produção referente a esse conflito, além de, especificamente, tratar sobre a história da cidade de Caçador (SC). Em seu espaço expositivo contempla quatro nichos expográficos: cultura indígena, ferrovia do Contestado, imigração e colonização e a sala Guerra do Contestado, que se destina ao conflito em si, enquanto as demais dão o contexto que o propiciou. O impacto da guerra na região é inegável, e muitas pesquisas e produções historiográficas foram criadas e trabalhadas com base na Guerra do Contestado. As áreas de Antropologia, Arqueologia, Sociologia e História, esta última muitas vezes com a ajuda da história oral, fizeram um trabalho investigativo de trazer à tona os processos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolveram tal guerra e o pós-conflito. Vislumbramos, no entanto, que na área da museologia e de museus as questões do Contestado estão restritas à guarda dos espólios ou aos resquícios físicos da guerra. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é identificar as representações da Guerra do Contestado no museu. Mediante a análise da criação expográfica de cada nicho expográfico e dos estudos sobre a museologia, especialmente a construção dos processos museográficos e curatoriais e suas reflexões sobre a sociedade, verificaremos quais representações sobre a Guerra do Contestado estão presentes no Museu do Contestado e como a cultura material e as memórias difíceis do conflito são expostas ao público.

Palavras-chaves: museu; representações; Guerra do Contestado.

Abstract: The museums are places of custody of memories and references, where people find the human productions, the materiality, exposed through objects in exhibitions and are also points of knowledge and recognition of people, where the traditions and human cultures, the immateriality, are present. The Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado it's a nonprofit institution and which aims to safeguard the Contestado history and the entire production for this conflict, in addition to, specifically, discuss the history of the city of Caçador (SC). In its exhibition space comprises four expographic niches: indigenous culture, the Contestado railroad, immigration and colonization and the room of the Contestado War that is intended to conflict itself, while the other give the context that led to the same. The impact of the war in the region is undeniable, and many studies and historiographics productions were created and worked from the Contestado War. The areas of Anthropology, Archeology, Sociology and History, this, many times, with the help of Oral History, made an investigative work of bringing to light the social processes, political, cultural and economic surrounding the Contestado War and post-conflict situations. See, however, that in the area of Museology and museums, the issues of the Contestado are restricted in the custody of the spoils or physical remnants of war. Thus, the objective of this study is to identify the representations of the Contestado War at the Museum. Through the analysis of expographic creation of each expographic niche and studies about the museology, in particular, the construction of the curatorial and museographic processes and and their reflections on society, we see what the representations about the Contestado War are present at the Museum do Contestado and how material culture and the difficult memories of War are exposed to the public.

Keywords: museum; representations; Contestado War.

Resumen: Los museos son locales de custodia de memorias y de referencias, donde las personas encuentran las producciones humanas y la materialidad, expuesta por medio de los objetos, y son también puntos de conocimiento y reconocimiento de las personas, donde las tradiciones, las culturas humanas y la inmaterialidad se hacen presentes. El Museo Histórico y Antropológico de la Región del Contestado es una institución sin objetivos lucrativos cuyo

objetivo es salvaguardar la historia del Contestado y toda la producción referente a ese conflicto, además de, específicamente, tratar sobre la historia de la ciudad de Caçador (SC). En su espacio expositivo contempla cuatro nichos expo gráficos: cultura indígena, ferrovía del Contestado, inmigración y colonización y el salón Guerra del Contestado, que se destina al conflicto en sí, mientras las demás dan el contexto que lo propició. El impacto de la guerra en la región es innegable, y muchas investigaciones y producciones historiográficas fueron creadas y trabajadas con base en la Guerra del Contestado. Las áreas de Antropología, Arqueología, Sociología e Historia, esta última muchas veces con la ayuda de la historia oral, hicieran un trabajo investigativo de traer a flote los procesos sociales, políticos, culturales y económicos que involucraron tal guerra y el pos-conflicto. Vislumbramos, entretanto, que en el área de la museología y de museos las cuestiones del Contestado están restringidas al mantenimiento de los espolios o a los resquicios físicos de la guerra. De esa manera, el objetivo de este trabajo es identificar las representaciones de la Guerra del Contestado en el museo. Mediante el análisis de la creación expo gráfica de cada nicho expo gráfico y de los estudios sobre la museología, especialmente la construcción de los procesos museográficos y curatoriales y sus reflexiones sobre la sociedad, verificaremos cuáles representaciones sobre la Guerra del Contestado están presentes en el Museo del Contestado y como la cultura material y las memorias difíciles del conflicto son expuestas al público.

Palabras-claves: museo; representaciones; Guerra del Contestado.

INTRODUÇÃO

O projeto que deu subsídios a este artigo está ligado ao grupo de pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural e à linha de pesquisa Patrimônio e Memória Social, do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Universidade da Região de Joinville (Univille), e tem como objetivo identificar as representações da Guerra do Contestado nas exposições de longa duração do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, situado em Caçador (SC). Para este artigo, trazemos um recorte que abordará as formas de exposição da Guerra do Contestado e a importância de trabalhar tal tema em um espaço que foi criado para apresentar a história da região do Contestado e que é responsável pela guarda, preservação e divulgação das memórias da região.

A Guerra do Contestado, conflito armado ocorrido no meio-oeste catarinense entre caboclos e exército brasileiro, durou quatro anos. Iniciou-se em 1912, e seu término deu-se em 1916. As causas, muitas: terras da região meio-oeste catarinense sendo disputadas judicialmente por Santa Catarina e Paraná; estrada de ferro; exploração estrangeira; descaso governamental; messianismo; duros conflitos entre exército e sertanejos.

Aos descendentes atuais, tanto de sertanejos quanto de militares, resta o exercício dicotômico: lembrar ou esquecer o conflito? Esse exercício poderia, ou melhor, deveria ser capitaneado pelos museus e instituições culturais da região do Contestado, em suas salas expositivas. Museus são locais de guarda de memórias e de referências, onde as pessoas encontram as produções humanas e a materialidade, exposta por meio dos objetos, e são, também, pontos de conhecimento e reconhecimento de si mesmos, onde as tradições, as culturas humanas e a imaterialidade se fazem presentes. Nos museus, real e simbólico andam juntos. Real pela materialidade do acervo exposto e simbólico pelos discursos e concepções museográficas existentes nas exposições. O que se vê, então, na expografia do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado?

MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado (MHARC) teve início em 18 de março de 1974, como uma unidade mantida pela Fundação Universidade do Contestado - *Campus* Universitário de Caçador, a qual em 1995 sucedeu a Fundação

Sandra Paschoal Leite de
Camargo Guedes

Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (Fearpe). O objetivo do museu é documentar, preservar e guardar vivas a memória e a cultura do passado de Caçador e do centro-oeste do estado de Santa Catarina.

Considerado o mais importante museu que trata do tema da Guerra do Contestado (ROMERO, 2012; OLIVEIRA, 2006), o MHARC tem histórico de criação, que tanto o liga com as questões políticas da década de 1980 quanto com a sua construção efetiva na cidade de Caçador, meio-oeste de Santa Catarina.

Criado pelo historiador, jornalista, escritor e arqueólogo Nilson Thomé e pelo padre e antropólogo Thomas Pieters, dois estudiosos da causa contestada, o MHARC ficava em uma sala na Fearpe, onde estava o acervo arqueológico, fruto de coleta dos dois pesquisadores. A figura 1 mostra a primeira exposição do MHARC, na década de 1970.

Figura 1 – Coleção de arqueologia do Museu do Contestado, em 1974



Fonte: Acervo do MHARC

A missão do Museu do Contestado é “documentar, restaurar, preservar e guardar viva [sic] a memória e a cultura do Contestado, e ser fonte permanente de pesquisas, visando a construção do conhecimento histórico e transmissão da herança cultural do Contestado” (THOMÉ; CHAPIEWSKI, 2004). Essa missão permanece atualmente. Sua origem, entretanto, está intimamente ligada ao período político catarinense da década de 1980, quando as políticas governamentais catarinenses, com o governador Espiridião Amin, especialmente, estavam voltadas para a construção de uma identidade regional (MACHADO, 2004; OLIVEIRA, 2007). Dessa maneira, temos o que deveria ser a base do Museu do Contestado: a importância, ou melhor, a criação do homem do Contestado. O governo Amin lançou o projeto de resgate³ da memória do homem do Contestado, no qual foram previstas: restauração de documentos históricos relativos ao período da guerra; elaboração de exposições; publicações de livros e cartilhas; apresentações artísticas; criação

³ Iniciativa do governo de Santa Catarina, na década de 1980, de preservar as memórias dos caboclos (sertanejos) que lutaram na Guerra do Contestado. Disponível em: <<http://desacato.info/contestado-100-anos-em-guerra-as-batalhas-seguem-a-luta-pelo-patrimonio-e-espacos-de-memoria/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

de instituições culturais; construção de marcos arquitetônicos sobre os lugares dos conflitos (OLIVEIRA, 2006).

Como parte desse projeto, em 1986 nasceu, em terreno cedido pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), o Museu do Contestado com sede própria, cuja construção é ilustrada na figura 2.

Figura 2 – Construção da sede própria do Museu do Contestado (1986)



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado

O museu construído e idealizado para ser a casa das memórias do homem do Contestado continuou sob a manutenção da Fearpe – mais tarde, Universidade do Contestado (UnC) e, atualmente, Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Em 2010 houve a transferência do Museu do Contestado para a municipalidade, a qual passou a administrar a instituição por meio da Fundação Municipal de Cultura.

Nos primeiros anos depois de estabelecido o prédio do museu, ele apenas abrigava a exposição, sem nenhum serviço de mediação, tendo apenas um guarda, que abria e fechava a instituição. Nos anos 2000, com a contratação de profissionais específicos da área de museus e de história, o museu passou a oferecer um serviço de mediação mais efetivo. A elaboração de um regimento interno (ainda hoje em construção) e um setor de ações educativas e culturais (hoje desativado) estiveram em voga.

Após o ano de 2010, com a entrega do museu para a municipalidade, a equipe de profissionais diminuiu. Em 2012, havia apenas o coordenador e a auxiliar de serviços gerais. No ano seguinte, contratou-se uma museóloga e uma estagiária.

Atualmente os trabalhos de mediação são feitos pela museóloga, pelo coordenador e pela estagiária, em sistema de rodízio. O atendimento é oferecido às escolas, com agendamento ou sem, e ao público espontâneo. A mediação dura cerca de 45 minutos, podendo ser estendida com a exibição de filmes sobre Caçador e o Contestado. Os pormenores das exposições, ou aquilo que não está escrito na expografia, ficam a cargo de quem vai fazer a mediação.

A história do Contestado, no MHARC, é apresentada em quatro salas ou nichos expositivos.

**Sandra Paschoal Leite de
Camargo Guedes**

NÚCLEOS EXPOGRÁFICOS DO MHARC

A arquitetura do Museu do Contestado representa a primeira estação ferroviária de Rio-Caçador (hoje a cidade de Caçador), de 1910, seguindo os preceitos político-culturais referentes ao Contestado (figura 3).

Figura 3 – Primeira Estação Ferroviária de Rio-Caçador (1910)



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado

Com dois pavimentos, a sede do MHARC (figura 4) abriga quatro salas ou núcleos expositivos e uma sala multiusos no piso térreo e um laboratório de conservação, a reserva técnica, uma sala administrativa e a sala de ações educativas no andar superior. Possui um acervo de pouco mais de 5 mil peças, incluindo uma locomotiva com dois vagões, que está do lado externo do museu, como é possível ver na figura 4.

Figura 4 – Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado (2016)



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado

As salas do Museu do Contestado são divididas em: sala da cultura indígena, denominada Sala Thomas Pieters; a da ferrovia do Contestado, chamada Osíris Stenghel; a Sala Victor Kurudz, referente ao povoamento e à colonização; e uma sala sobre a Guerra do Contestado, denominada Sala Espiridião Amin Helou Filho.

Sala Thomas Pieters

A sala que leva o nome de um dos fundadores do museu tem o acervo exposto de peças arqueológicas coletadas pelo padre Thomas Pieters e pelo historiador Nilson Thomé e foi o embrião do museu. Urna funerária, ossada humana de sambaquiano, mãos de pilão, mãos de mó e cestaria são alguns dos elementos expostos na sala (figura 5).

Figura 5 – Sala Thomas Pieters



Fonte: Letíssia Crestani (2016)

Os diários de campo dos pesquisadores ainda não foram encontrados, fato que pode explicar, em parte, a falta de informações de algumas peças arqueológicas expostas na sala. A exposição não deixa claro que antes da construção da estrada de ferro havia a presença, no Planalto Catarinense, de grupos indígenas xoclengues e caingangues, principalmente (MACHADO, 2004; THOMÉ, 2011; VALENTINI; SPIG; MACHADO, 2012; FRAGA, 2012; MURARO; VALENTINI, 2015). Esses grupos tinham os seus próprios meios de subsistência, seus rituais, enfim, sua sociabilidade, porém os vestígios dessas vidas encontram-se em exposição no museu sem a devida contextualização. A exposição apenas apresenta os ramos indígenas da região com legendas que se limitam a descrever o nome do objeto e sua função. Sem o serviço de mediação, esses objetos são apenas “dos índios”. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
que há acervo não pertencente à região do Contestado nessa sala, a cultura indígena da proposta não fica clara na exposição.

Sala Osiris Stenghel

Além das disputas territoriais, o Contestado foi marcado por outros elementos que ajudam a compreender a ebulição e a necessidade de uma guerra civil. A chegada da estrada de ferro, no fim do século XIX, trazia promessa de progresso para a Região Sul do país, já que permitiria o transporte de mercadorias e pessoas do meio oeste catarinense a outros estados e centros importantes do país, como é possível observar na figura 6.

Figura 6 – Traçado da ferrovia e área contestada



Fonte: Agência Senado (2016)

A ferrovia era sonho antigo dos governantes. Os esboços do

[...] projeto deste caminho de ferro, acalentado desde o período regencial e aprovado nos momentos finais do Império, era ousado e fundamental: cortava vastos espaços das províncias do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e deveria proporcionar o rápido deslocamento terrestre de contingentes militares em caso de conflito no Prata (VALENTINI; ESPIG; MACHADO, 2012, p. 211).

O percurso dos trilhos era sinuoso e cheio de percalços geográficos, como rios, morros e rochas. O caminho a ser percorrido pela ferrovia era um antigo caminho de mulas, um espaço para passagem de carroças ou com animais.

Com o trem de ferro vieram personagens importantes para a consolidação da ferrovia, como Percival Farquhar e sua empresa Brazil Railway Company, o engenheiro Achilles Stenghel, que capitaneou a construção do trecho na região, além de criar uma subsidiária da Brazil Railway Company, a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, empresa de colonização que adentrou o planalto catarinense para “ocupar” as terras ali existentes (MURARO; VALENTINI, 2015; FRAGA, 2012; MACHADO, 2004; THOMÉ, 1995; QUEIROZ, 1966).

O acervo da ferrovia hoje exposto no museu retrata um pouco da história da Ferrovia do Contestado. Muitos dos instrumentos e materiais de uso nas linhas e estações ferroviárias foram transferidos para o museu. Livros de registro de mercadorias, peças de trens e cópias de fotografias fazem parte da exposição e demonstram a importância da ferrovia para a região do Contestado (figura 7). Mesmo com a presença dos objetos, as pessoas ligadas à construção e ao uso da linha, principalmente engenheiros trabalhadores e os sertanejos espoliados, desaparecem por trás dos objetos. Seus objetos estão ali, mas e as suas histórias?

Figura 7 – Acervo da ferrovia



Fonte: Letícia Crestani (2016)

Um exemplo de como objetos e textos não se conversam é a questão dos trabalhadores da ferrovia, que não aparecem na exposição. Mais de 8 mil homens trabalharam na construção da estrada de ferro, a maioria vinda de fora do estado catarinense. Se o sonho era ligar o norte ao sul, integrando o país, a empreitada deu certo, mas custou inúmeras vidas de trabalhadores que, sem condições de retornar aos seus estados de origem, permaneceram na área de conflito, juntando-se aos sertanejos que foram retirados de suas terras pela própria empresa que os contratara. Alguns desses desapropriados, mais tarde, viraram líderes caboclos na Guerra do Contestado (ESPIG, 2005; MACHADO, 2004).

Sala Victor Kurudz

A sala apresenta os “pioneiros” de Caçador e do Alto Vale do Rio do Peixe e leva o nome de Victor Kurudz, um dos agrimensores da multinacional Brazil Development and Colonization Company, braço da Brazil Railway Company, e que intermediou a construção da ferrovia e todas as questões de favorecimento da grilagem de terras e expulsão dos nativos e sertanejos das terras contestadas (PANSERA, 2016). A exposição dessa sala (figura 8) tem o intuito de representar esses “pioneiros”, no caso os imigrantes (alemães, italianos, ucranianos, árabes) que chegaram à região após a Guerra do Contestado para ocupar as terras “devolutas” dos sertanejos (FRAGA, 2012; ESPIG, 2005; MACHADO, 2004; VALENTINI, 2000).

**Sandra Paschoal Leite de
Camargo Guedes**

Figura 8 – Acervo do povoamento e colonização

Fonte: Letícia Crestani (2016)

Os imigrantes são representados sempre como trabalhadores que tiveram vida difícil nos primórdios de Caçador e de outras cidades da região do Contestado (FRAGA, 2012; VALENTINI, 2000). A extensa bibliografia sobre o conflito vem mostrando, cada vez mais, as diferenças e semelhanças culturais de cada etnia componente do espaço regional do Contestado. Já o discurso expositivo, entretanto, continua a mostrar quem se deu melhor nesse percurso: os imigrantes que vieram ocupar as terras expropriadas dos sertanejos pela empresa colonizadora. Objetos que mostram o trabalho, tanto feminino (ferro de passar, máquina de costura) quanto masculino (plantadeira), desses imigrantes nada fazem relação com a sala anterior, sobre a ferrovia, ou com a posterior, sobre a Guerra do Contestado. Apenas estão expostos confirmando um discurso de hegemonia dos imigrantes sobre os sertanejos, dando uma impressão de que só o imigrante é trabalhador.

Sala Esperidião Amin Helou Filho

A sala que leva o nome do ex-governador Espiridião Amin trata especificamente do acervo da Guerra do Contestado (figura 9).

Figura 9 – Acervo da Guerra do Contestado



Fonte: Letíssia Crestani (2016)

O nome da sala faz referência a toda ajuda política, cultural e financeira desprendida pelo governo de Esperidião Amin para a construção do Museu do Contestado (THOMÉ; CHAPIEWSKI, 2004; OLIVEIRA, 2007; ROMERO, 2012). A sala é constituída por objetos oriundos de doações e coleta nos antigos campos de batalha da região contestada. Está exposto, em sua maioria, armamento bélico dos exércitos e polícias (figura 10).

Figura 10 – Acervo bélico militar



Fonte: Letíssia Crestani (2016)

**Sandra Paschoal Leite de
Camargo Guedes**

O material representativo dos sertanejos ou mesmo suas formas de sociabilidade quase não aparecem num primeiro olhar. Novamente a presença do vencedor está latente nessa sala. O sertanejo é relegado a segundo plano, com o elemento símbolo de sua luta, o facão de pau, exposto quase rente ao chão, enquanto o material bélico ganha destaque aos olhos dos visitantes (figura 11).

Figura 11 – Acervo representativo dos sertanejos



Fonte: Letícia Crestani (2016)

Como então falar sobre a Guerra do Contestado, se um dos lados belicosos é mais apresentado? Por que na sala que trata justamente do conflito o silenciamento das vozes sertanejas persiste?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos chama a atenção nas salas de exposição do Museu do Contestado é que a instituição carece de uma nova concepção expográfica. O museólogo Fernando Romero (2012) faz uma brilhante análise sobre o Museu do Contestado em sua tese de doutorado, da qual nos apropriamos aqui para corroborar nosso pensamento crítico em relação ao processo de construção expográfica da instituição, quando fala que

[...] não se faz nenhuma conexão entre as seções do museu; as salas mostram realidades estanques, como se fizessem referência a temas muito distantes uns dos outros: o acervo indígena não tem nada a ver com a colonização, a ferrovia está levemente relacionada com a Guerra, que, por sua vez, não tem nada a ver com a imigração (ROMERO, 2012, p. 141).

Sentimos que a instituição ainda está presa aos preceitos políticos e culturais de décadas passadas e que isso reflete em sua forma expográfica. As produções historiográficas atuais estão aí para serem usadas, a fim de aprofundar e tornar mais compreensível todo o processo histórico que culminou com a Guerra do Contestado.

Apesar das mediações e do acervo exposto no museu, há um descompasso na parte expográfica entre aquilo que é dito na missão do museu – “documentar, restaurar, preservar e guardar viva [sic] a memória e a cultura do Contestado” (THOMÉ; CHAPIEWSKI, 2004) – e o que é exposto. Salientamos aqui a falta de informação e documentação sobre a procedência do acervo, o que dificulta muito o processo de troca de experiências com o público. A produção sobre o tema do Contestado é grande e continua a crescer, mas a expografia do MHARC ainda é engessada e centrada na figura dos vencedores, não acompanhando as novas visões trazidas pela historiografia.

Na avaliação do processo expográfico do museu, sugerimos que seja implementada uma política de acervos. Será nessa normativa que deverão aparecer os meandros de constituição, pesquisa e comunicação deles. Com isso a instituição se planeja, por meio do próprio acervo, para melhor apresentar a história da região do Contestado aos seus visitantes.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

ESPIG, M. J. Algumas reflexões sobre a historiografia do Movimento do Contestado: o caso dos operários da Estrada de Ferro São Paulo Rio-Grande. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz**. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0654.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

FRAGA, N. C. (Org.). **Contestado em guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil – 1912-2012**. Florianópolis: Insular, 2012.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MURARO, V. F.; VALENTINI, D. J. (Orgs.). **Colonização, conflitos e convivências nas fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai**. Porto Alegre: Letras & Vida; Chapecó: Editora UFFS, 2015.

OLIVEIRA, R. P. **Políticas culturais e o campo museal em Santa Catarina (1987-2006)**. Dissertação (Mestrado)–Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

OLIVEIRA, S. A. **Guerra do Contestado: mimesis e políticas da memória**. Tese (Doutorado)–Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PANSERA, T. Victor Kurudz: o agrimensor dos sertões. Concórdia, 2016. Disponível em: <<http://editorajotage.com.br/editora/782-victor-kurudz-o-agrimensor-dos-sertoos>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

QUEIROZ, M. V. de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado – 1912-1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Sandra Paschoal Leite de
Camargo Guedes

ROMERO, F. A. da S. **Museu do museu:** uma crítica do registro da Guerra do Contestado em Santa Catarina. 328 f. Tese. (Doutorado em Literatura)-Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

THOMÉ, N. **O ciclo da madeira.** Caçador: Imprensa Universal, 1995.

_____. **Raízes caboclas:** características da identidade do homem do Contestado. Caçador; Lages: Do autor, 2011.

_____; CHAPIEWSKI, M. Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado. **Revista HISTEDBR On Line**, São Paulo, n. 16, dez. 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/img5_16.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

VALENTINI, D. J. **Da cidade santa à corte celeste:** memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. 2. ed. Caçador: Universidade do Contestado, 2000.

_____; ESPIG, M. J.; MACHADO, P. P. (Orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços:** reflexões sobre o Contestado (1912-2012). Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.